

**Adriana Gomes Guedes**

**Os estudos construcionistas sociais sobre violência  
no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES**

**Uberlândia**

**2021**

**Adriana Gomes Guedes**

**Os estudos construcionistas sociais sobre violência  
no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera

**Uberlândia**

**2021**

**Adriana Gomes Guedes**

**Os estudos construcionistas sociais sobre violência  
no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera.

Banca examinadora

Uberlândia, 11 de junho de 2021

---

Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera

Universidade Federal de Uberlândia – MG

---

Me. Ederglenn Nobre Vieira Junior

Universidade Federal de Uberlândia – MG

---

Ma. Neftali Beatriz Centurion

Universidade Federal de Uberlândia – MG

**Uberlândia**

**2021**

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador Emerson, a quem tenho grande admiração, por ter me guiado no processo do fazer pesquisa na investigação construcionista e transmitir seu conhecimento e experiência com tanta atenção, sensibilidade e cuidado.

Aos meus pais Sônia e Romes, e aos meus irmãos Maysa e Romes Filho, por sempre me incentivarem e acreditarem em minha capacidade e por me fornecerem todo o apoio e suporte necessário ao longo de toda a minha trajetória.

Ao meu namorado Vinícius, por nunca ter soltado minha mão nesses anos de graduação, mesmo nos momentos mais desesperadores e por ter vibrado comigo em cada conquista.

Às minhas amigas Jéssica e Izabella, por todo o vínculo e espaço de acolhimento, respeito, afeto, amizade e escuta que construímos juntas ao longo da graduação, isso me fortaleceu e guiou o meu crescimento e amadurecimento no curso e na vida.

À Neftali, por ter feito parte da minha caminhada acadêmica e no Construcionismo Social, por ter aceitado compor a banca examinadora e por ter despertado meu olhar curioso sobre o mundo.

Ao Eder, por ter feito parte da minha trajetória e do meu desenvolvimento pessoal, por ter aceitado compor a banca examinadora e por ter me apresentado na prática, que o conhecimento é produzido em conjunto e o quanto isso é potente.

À Maristela, que tanto marcou minha trajetória na Psicologia Social e por ter aceitado compor a banca examinadora.

À Educação Pública Brasileira e, em especial, à Universidade Federal de Uberlândia, essencial em todo o meu processo de formação pessoal e profissional.

E a todas as pessoas que não mencionei mas que, com certeza, participaram direta ou indiretamente e contribuíram, de alguma forma, para o desenvolvimento deste trabalho e de minha formação pessoal e acadêmica.

## Resumo

O Construcionismo Social tem ganhado um crescente espaço no contexto acadêmico brasileiro, fazendo mediações com diferentes temáticas e áreas da Psicologia. A violência é uma dessas temáticas, de extrema relevância e que causa impactos de diferentes formas e em variados contextos na construção e no desenvolvimento da vida e das histórias das pessoas. Esse estudo teve como objetivo analisar como pesquisadores têm investigado a violência a partir do movimento do construcionismo social no Brasil. Especificamente, buscamos: a) identificar as características institucionais dessas investigações, bem como objetivo e metodologias utilizadas; b) caracterizar a violência estudada e suas formas de enfrentamento; e c) descrever as formas de apresentação do construcionismo social e seu uso nas pesquisas. Para isso, foi realizada uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio da pesquisa da palavra “construcionismo”. Foram selecionadas as pesquisas que continham a palavra “violência” ou palavras associadas no título e nas palavras-chave, abrangendo qualquer violação de direitos. A análise das pesquisas foi realizada por meio da análise de conteúdo. A partir dos resultados foi possível observar que, de modo geral, os autores avançam nas discussões investigando violência a partir de diferentes perspectivas implicadas na produção de sentidos e identificando a violência como problema social e de saúde pública, que é atravessado pela desigualdade social e que desencadeia impactos na sociedade. Esperamos que as análises propostas acerca dos estudos do construcionismo social sobre violência, provoquem questionamentos e fortaleçam futuras pesquisas sobre violências menos investigadas.

**Palavras-chave:** Violência; construcionismo social; pesquisas brasileiras.

## **Abstract**

Social Constructionism has gained a growing space in the Brazilian academic context, making mediations with different themes and areas of Psychology. Violence is one of these themes, of extreme relevance and that causes impacts in different ways and various contexts in the construction and development of people's lives and narratives. This study aimed to analyze how researchers have investigated violence from the social construction movement in Brazil. Specifically, we seek to: a) identify the institutional characteristics of these investigations, as well as the objective and methodologies used; b) to characterize the violence studied and its ways of coping, and c) describe the forms of presentation of social constructionism and its use in research. Therefore, a search was carried out on the Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) through the word "constructionism". Searches containing the word "violence" or associated vocabulary in the title and keywords were selected, encompassing any violation of rights. The analysis of the researches was performed through content analysis. From the results, it was possible to observe that, in general, the authors advance in the discussions investigating violence from different perspectives involved in the production of meanings and identifying violence as a social and public health problem, which is crossed by social imbalance and that triggers impacts on Society. We hope that the proposed analyzes about the studies of social constructionism on violence, provoke questions and strengthen research on less investigated aspects of the topic.

**Keywords:** Violence; social constructionism; brazilian research.

## Sumário

<b>1 Introdução.....</b>	<b>4</b>
<b>2 Método.....</b>	<b>7</b>
<b>3 Resultados e Discussão.....</b>	<b>8</b>
<b>3.1 Panorama geral das teses e dissertações.....</b>	<b>8</b>
<b>3.2 Que violência é essa?.....</b>	<b>11</b>
<b>3.3 Que construcionismo social é esse?.....</b>	<b>16</b>
<b>4 Considerações Finais.....</b>	<b>20</b>
<b>Referências.....</b>	<b>22</b>

## 1 Introdução

A violência é um fato humano e social, é histórica, causa impactos de diferentes formas e em variados contextos na construção e no desenvolvimento da vida e das histórias das pessoas. Na literatura científica, é possível encontrar diferentes definições de violência. Assis et al. (2010) pontuam que a violência na sociedade contemporânea é visível e invade subjetiva e objetivamente a vida de todos, interferindo nos desejos, nas ações e nas opções tomadas por indivíduos e por instituições. De acordo com as autoras, a violência é um desafio social a ser enfrentado por sua complexidade de tipos existentes e de suas inúmeras manifestações. Para a Organização Mundial da Saúde, a violência é definida como

o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (Krug et al., 2002, p. 5)

Diferentes formas de violência se apresentam e persistem em cada sociedade, dentro de épocas e contextos específicos, como o caso da violência de gênero e da discriminação de raças no Brasil. São modalidades de expressão que permanecem “naturalizadas” na vida social brasileira, reproduzindo-se nas estruturas, nas relações e nas subjetividades, de maneira insidiosa, se configurando como um jeito próprio e típico de pensar, sentir e agir (Minayo, 2014; Oliveira, 2008).

Minayo (2006) aponta que “o Brasil sempre teve uma história de violência articulada à sua forma de colonização e de desenvolvimento, embora, o mito que corre no imaginário social e é apropriado politicamente é de que somos um país pacífico” (p. 23). Uma das formas de violência no Brasil que se poderia chamar estrutural pelo seu grau de enraizamento, é o nível de desigualdade que persiste historicamente. Em consonância, Santos et al. (2011), destacam



que o aumento dos processos estruturais de exclusão social pode vir a gerar a expansão das práticas de violência como norma social.

De acordo com o Atlas da Violência (Cerqueira et al., 2020), no Brasil, a principal causa de mortalidade de jovens com idade entre 15 e 29 anos são os homicídios e há destaque também para o aumento da violência letal contra públicos específicos, incluindo negros, população LGBTI+, idosos, mulheres e população em situação de rua. Entre 2013 e 2018, as mortes de mulheres dentro de casa aumentaram 8,3%, o que indica o crescimento de feminicídios; quando verificada, a proporção de mulheres negras entre as vítimas aumentou 12,4%, assim como as taxas de mortes da população negra ao longo dos anos. No que se refere às denúncias de homicídio contra a população LGBTI+, verificou-se um forte crescimento nos anos de 2011 a 2017, saindo de um total de 5 casos, em 2011, para 193 casos, em 2017. Já em 2018 houve redução desse índice de 28%. De acordo com o documento, a escassez de indicadores de violência contra pessoas LGTQI+ permanece um problema central.

É possível pensar que nunca existiu uma sociedade sem violência, mas sociedades mais violentas que outras, cada uma com suas respectivas histórias. A violência perpassa, diversas esferas presentes na sociedade e construídas historicamente; atinge crianças e adolescentes, pessoas com deficiência, mulheres, idosos, negros, a comunidade LGBTI+. As análises sobre violência vêm se multiplicando e elucidando dimensões importantes da violência, inclusive, influenciando documentos importantes, tais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Lei Maria da Pena e o Estatuto do Idoso.

A violência afeta a saúde, provocando morte, lesões e traumas físicos e emocionais, diminuindo a qualidade de vida das pessoas, exigindo uma readequação da organização tradicional dos serviços de saúde e evidenciando a necessidade de uma atuação muito mais específica, interdisciplinar, multiprofissional, intersetorial e engajada do setor, voltada às necessidades dos cidadãos (Minayo, 2006). Nesse sentido, o tema violência entrou com mais

vigor na agenda da saúde no Brasil (Souza et al., 2015). Da mesma forma, Silva e Assis (2018) apontam que, nos últimos anos, casos de violência relacionados às escolas também têm apresentado cada vez mais notoriedade na mídia e na sociedade em geral, especialmente em decorrência de crimes cometidos.

A violência tem sido estudada a partir de diferentes campos de conhecimento e perspectivas teóricas. O construcionismo social é uma dessas perspectivas que tem ganhado destaque na psicologia, enfatizando uma perspectiva social sobre a produção do conhecimento e oferecendo novas alternativas à realidade social (Cardoso, 2017; Rasera & Japur, 2005). Abranger esse fenômeno foi decidido, pois a violência causa impactos em diferentes contextos do desenvolvimento da vida e das histórias das pessoas, não se esgotando no campo individual (Guareschi et al., 2006). Analisar o estudo sobre a violência a partir do construcionismo social pode ajudar a entender tanto as contribuições dessa perspectiva teórica no entendimento da violência, bem como, observar as versões de construcionismo social que têm sido produzidas no país. Além disso, ele possibilitará dar alguns indicativos de como o construcionismo social pode impactar no enfrentamento de problemas sociais, redimensionando e ilustrando formas de ação a partir de perspectivas relativistas em Psicologia.

Assim, o objetivo desse estudo foi analisar como pesquisadores têm investigado a violência a partir do movimento do construcionismo social no Brasil. Especificamente, buscaremos: a) identificar as características institucionais dessas investigações, bem como objetivos e metodologias utilizadas; b) caracterizar a violência estudada e suas formas de enfrentamento; e c) descrever as formas de apresentação do construcionismo social e seu uso nas pesquisas.

## 2 Método

Visando alcançar o referido objetivo, foi realizada uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). A escolha por essa base de dados se deu pelo seu caráter consistente e abrangente em decorrência de registrar todas as dissertações e teses da pós-graduação brasileira. Por meio da busca pela palavra “construcionismo”, nos campos título e palavras-chave<sup>1</sup>, realizada em maio de 2019, foram encontradas 465 monografias.

Em sequência, foi feita uma busca pelos títulos e palavras-chave que continham a palavra “violência”, ou palavras associadas à violência, abarcando qualquer violação de direitos. Foram identificadas 27 dissertações e teses sobre a temática estudada. A partir do levantamento, construímos uma tabela com as colunas: autor(a), título, ano, titulação, instituição, área de conhecimento, orientador(a), objetivo do estudo, participantes, coleta de dados, análise de dados, autores para definição de construcionismo social, lugar do construcionismo, autores(as) para definição de violência e/ou palavra associada à violência, local/contexto da violência, tipo de violência, autor(a) da violência, vítima da violência, principais resultados e recomendações práticas propostas nos trabalhos. A análise de cada coluna foi realizada por meio da análise de conteúdo inspirada por Spink (2010a), de modo a produzir classificações temáticas.

---

<sup>1</sup> No Catálogo não há resumo disponível para pesquisas publicadas até o ano de 2012. Por este motivo, optamos por fazer a seleção através do título e palavras-chave das pesquisas.

### **3 Resultados e Discussão**

Os resultados estão organizados em três seções, de acordo com os objetivos do estudo. Primeiramente, é apresentado um panorama geral das teses e dissertações, trazendo informações descritivas quantitativas. Em um segundo momento são apresentados os tipos de violência investigados nos estudos, bem como o contexto em que ocorre, vítimas, autores e possíveis implicações práticas contra a violência descritas nas pesquisas. E, por último, buscamos apresentar as ideias construcionistas e suas contribuições nas pesquisas.

#### **3.1 Panorama geral das teses e dissertações**

Para apresentar o panorama geral das teses e dissertações, essa primeira parte da análise tem como objetivo descrever os dados, indicando, respectivamente, ano, titulação, instituição, área de conhecimento, orientador(a), objetivo, fontes/participantes, método de coleta e análise de dados de cada uma das 27 dissertações e teses sobre a temática estudada.

A análise do ano de defesa dos trabalhos mostra que os trabalhos foram defendidos nos seguintes anos: 2001 (1 trabalho), 2003 (1 trabalho), 2005 (2 trabalhos), 2009 (4 trabalhos), 2010 (1 trabalho), 2013 (1 trabalho), 2014 (4 trabalhos), 2015 (4 trabalhos), 2016 (3 trabalhos), 2017 (3 trabalhos) e 2018 (3 trabalhos). Assim, é possível observar que as pesquisas na área se iniciaram em 2001, havendo um crescimento do número de trabalhos em relação às duas décadas (2001-2010 e 2011-2018) e uma estabilização em relação à década presente (2011-2018). Observando esses resultados é interessante notar que os estudos sobre violência ganharam mais destaque ao mesmo tempo em que houve aumento da violência no contexto brasileiro na última década, o que aponta o interesse dos pesquisadores em dar mais visibilidade a esse fenômeno.

Dentre os trabalhos selecionados, 21 são dissertações de mestrado e seis são teses de doutorado. Dessa forma, quanto à titulação, prevalece a dissertação de mestrado, o que é

esperado no país, considerando-se o maior número de programas de mestrado e menos tempo para titulação.

Os 27 trabalhos foram defendidos em 18 universidades brasileiras. As universidades que mais apresentaram trabalhos foram: a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade de São Paulo, com quatro trabalhos; a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com dois trabalhos; e as demais universidades apresentaram apenas um trabalho. Assim, observa-se que há uma grande dispersão da produção em diferentes instituições, apesar de metade se concentrar em cinco universidades.

Os trabalhos estão distribuídos em oito áreas de conhecimento, sendo: Psicologia (e suas especialidades), com 18 trabalhos; Saúde Coletiva e Ciências Sociais com dois trabalhos cada; e Administração, Ciências, Enfermagem, Gerontologia, Medicina Preventiva, com apenas um trabalho cada. Com isso, é possível observar que a maioria dos trabalhos estão concentrados nas áreas de Psicologia (e suas especialidades) e da Saúde, áreas que estão preocupadas em estudar, aprofundar e explicar as relações e atravessamentos de diversos fenômenos – neste caso, a violência – na vida, na história e na saúde das pessoas.

Ao total, são 24 orientadores(as), sendo que Benedito Medrado Dantas orientou três trabalhos, Lenise Santana Borges outros dois trabalhos, e os demais orientaram apenas um trabalho. A partir dessa análise, observa-se como os trabalhos foram orientados por diferentes pesquisadores, havendo uma baixa concentração em torno de alguns orientadores, não sendo possível identificar grupos consolidados de pesquisadores construcionistas sobre violência.

Os objetivos dos trabalhos podem ser classificados em quatro categorias: a) investigar processos de construção de diferentes tipos de violências (9 trabalhos), tais como: abuso sexual infantil, bullying, discurso antifeminista, transfobia, homofobia, racismo e violência de gênero; b) analisar os sentidos sobre violência em diferentes contextos (10 trabalhos), tais como:

serviços de saúde em DST/aids, ambientes escolar, familiar, judicial e de trabalho, relacionamentos e em atuação dos profissionais da Psicologia acerca da violência contra a mulher; c) compreender sentidos de violência a partir de autores da violência (4 trabalhos), especificamente, homens autores de violência contra a mulher; d) compreender os sentidos sobre violência a partir de vítimas (4 trabalhos), incluindo travestis, homossexuais, pessoas idosas e mulheres usuárias de drogas. É possível observar que as pesquisas têm como objetivo investigar violência a partir de diferentes perspectivas implicadas na produção de sentidos desse fenômeno, seja investigando processos de construção de modo mais abrangente ou investigando esses processos mais especificamente, nos contextos em que ocorre e compreendendo pessoas envolvidas em situação de violência.

Os trabalhos se voltaram a 30 tipos de fontes/participantes, combinados ou exclusivos em cada pesquisa, os quais foram agrupados nas seguintes categorias: a) Pessoas envolvidas em situação de violência, sejam autores da violência (4 trabalhos) ou vítimas da violência (4 trabalhos); b) Documentos e mídias sociais (8 trabalhos); c) Profissionais de diferentes áreas, sejam da área Escolar (3 trabalhos), da Psicologia (3 trabalhos) ou da Saúde (1 trabalho); d) Estudantes de ensino fundamental, médio e superior (3 trabalhos); e) Pessoas em relação de namoro e conjugalidade (2 trabalhos); f) Mulheres em situação de rua (1 trabalho); e g) Homem militante do movimento homossexual (1 trabalho). A partir dessa análise, observamos que as pesquisas contam com fontes/participantes fundamentais para compreender as relações e os impactos da violência em diferentes contextos.

A coleta de dados envolveu 45 diferentes estratégias, também de forma combinada ou exclusiva em cada pesquisa: entrevista (15 trabalhos), observação (11 trabalhos), grupos/oficinas (7 trabalhos), pesquisa/análise bibliográfica/documental (7 trabalhos), pesquisa/análise de internet (4 trabalhos) e questionário (1 trabalho). Assim, os métodos de coleta de dados mais utilizados entre as pesquisas foram entrevista e observação, muito comuns

nas pesquisas qualitativas em ciências humanas e da saúde, onde se inserem as investigações analisadas.

Os métodos de análise utilizados nos trabalhos selecionados envolveram nove abordagens, combinadas ou não, assim categorizadas: Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano (Spink, 1999), presente em 13 trabalhos; Análise Temática, encontrada em 7 trabalhos; e Análise do Discurso (tais como Potter & Wetherell, 1987, 1998, 2002 e Foucault, 2016), em outros 5 trabalhos. Outros métodos utilizados nos trabalhos são: Teoria Fundamentada, Análise de Narrativas e Investigação na Abordagem Fenomenológica, em dois trabalhos; e Netnografia, Análise Hermenêutica Dialética e Análise de Histórias de Vida, cada método utilizado em um trabalho cada. Dessa maneira, observa-se uma grande variedade de métodos nos estudos, reafirmando a inexistência de um método construcionista per se. Contudo, destaca-se o uso das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano proposta por Spink (1999), o que pode ser entendido por este estar presente em um dos principais livros que marca a divulgação do construcionismo social no Brasil, bem como, pelo fato dos principais orientadores de pesquisas construcionistas sobre violência terem sido orientados de Spink.

### **3.2 Que violência é essa?**

Nesta seção iremos apresentar as análises realizadas acerca da violência nas teses e dissertações, identificando: autores e obras mais citados para definição de violência, usos das definições de violência, contextos em que a violência ocorre, tipos de violência, autores e vítimas de violência, resultados e principais implicações práticas recomendadas pelos autores para o combate à violência.

Em relação aos autores com mais de cinco citações para definição de violência estão Maria Cecília de Souza Minayo (9 citações), Judith Butler (8 citações), Pierre Bourdieu (8

citações), Organização Mundial de Saúde (OMS) (8 citações), Marilena Chauí (7 citações), Edinilsa Ramos de Souza (6 citações).

As obras mais citadas dos autores mencionados foram: *A dominação masculina* (Bourdieu, 1998, 2002, 2007, 2012) (4 citações); *World report on violence and health* (Krug et al., 2002) (4 citações); *Participando do debate sobre mulher e violência* (Chauí, 1985) (3 citações); *Violência e saúde* (Minayo & Souza, 2006) (2 citações); *É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública* (Minayo & Souza, 1999) (2 citações); *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (Butler, 2003, 2013) (2 citações); *Corpos que importam* (Butler, 2011, 2015) (2 citações). As três obras mais citadas o foram por diferentes razões.

A obra *A dominação masculina* é citada, especialmente, nos trabalhos sobre a violência contra a mulher, visando apresentar discussões históricas e sociais acerca das relações de gênero na sociedade. O *Relatório mundial sobre violência e saúde* é utilizada para contextualizar a violência como problema de saúde pública, de modo a apresentar a definição de violência, os tipos de violência e o que a violência pode causar. E o livro *Participando do debate sobre mulher e violência* é utilizado principalmente nos trabalhos sobre violência contra mulheres, travestis e pessoas transexuais, para apresentar a definição de violência e a relação com as desigualdades sociais e de gênero presentes na sociedade. Observa-se assim que não há uma perspectiva teórica hegemônica, recorrendo-se a diferentes autores para realizar o debate sobre violência.

Para além das referências a essas obras, a análise dos usos das definições de violência utilizadas nos trabalhos selecionados indicam como elas serviram para: a) apresentar como a violência ocorre e quais suas reverberações (27 textos); b) produzir um resgate histórico, social e cultural da violência de forma a apresentar como as relações de violência foram construídas ao longo do tempo e o modo como impacta na atualidade, tais como nos trabalhos de F. Nascimento (2009) e Catarim (2018); e c) situar a violência como problema social e de saúde



pública, reforçando como a violência atinge a população como um todo e prejudica o desenvolvimento dos seres humanos e impactando na qualidade de vida, o que fica evidente nos trabalhos de Silva (2009), Carvalho (2014), Marra (2015) e Andrade (2017). É interessante refletir que, ao utilizar as definições de violência, os autores parecem estar preocupados tanto em fazer um resgate histórico do fenômeno, bem como compreender suas expressões atuais, situando sempre em uma perspectiva social.

A análise sobre os contextos em que a violência ocorre, de forma combinada ou exclusiva em cada pesquisa, aponta diferentes realidades: a) Intrafamiliar (8 pesquisas); b) Escolar (7 pesquisas); c) Conjugal e de relacionamento (4 pesquisas); d) Internet (4 pesquisas); e) Vizinhança (2 pesquisas); f) Trabalho (1 pesquisa); g) Serviço de Saúde (1 pesquisa); h) Contexto de prostituição (1 pesquisa). Dessa maneira, observa-se que a metade dos estudos investiga a violência que ocorre em contextos domésticos, da intimidade, das relações familiares e com vizinhos e que a outra metade envolve contexto público e locais de trabalho.

A análise dos tipos de violência, segundo as nomenclaturas utilizadas pelos autores, possibilitou a identificação de 15 diferentes tipos, também de forma combinada ou exclusiva em cada pesquisa: “violência física” (18 trabalhos), “violência sexual” (13 trabalhos), “violência psicológica” (11 trabalhos), “violência verbal” (10 trabalhos), “discriminação” e/ou “preconceito” (6 trabalhos), “violência simbólica” (3 trabalhos), “violência institucional” (3 trabalhos), “violência patrimonial” (2 trabalhos), “violência moral” (2 trabalhos), “assassinato/morte” (2 trabalhos), “transfobia” (2 trabalhos), “racismo” (1 trabalho), “negligência” (1 trabalho), “homofobia” (1 trabalho), “violência econômica” (1 trabalho). Através dessa análise é interessante notar que ganha mais espaço para discussões as violências física, sexual, psicológica e verbal e que é necessário levantar diálogos sobre tipos de violência menos visibilizadas, que também estão presentes e são recorrentes na sociedade, como

violências envolvendo discriminação e preconceito, violência simbólica, institucional e econômica.

Assim como os tipos de violência, foi possível identificar diferentes autores da violência nos trabalhos. Estes foram organizados em dez grupos: 1) Familiares, sejam maridos e/ou companheiros (7 trabalhos), pai, padrasto, tio, primo, irmão de crianças e adolescentes (3 trabalhos), mulheres autoras de violência contra seus companheiros (2 trabalhos), filhos usuários de álcool e outras drogas (1 trabalho), familiares de pessoas transsexuais (1 trabalho), familiares de travestis (1 trabalho), familiares de homem homossexual (1 trabalho), familiares de mulheres em situação de rua (1 trabalho), num total de 17 trabalhos; 2) Profissionais de diferentes áreas, sejam da área Escolar (4 trabalhos), da Saúde (2 trabalhos), da Segurança Pública (2 trabalhos) ou do Trabalho (2 trabalhos), num total de 10 trabalhos; 3) Estudantes de ensino fundamental, médio e superior (7 trabalhos); 4) Pessoas desconhecidas (3 trabalhos); 5) Amigos (3 trabalhos); 6) Vizinhos (2 trabalhos); 7) Usuários da internet (2 trabalhos); 8) Mídia jornalística (1 trabalho); 9) Homens pedófilos (1 trabalho); 10) Usuários de serviço de saúde em DST/aids (1 trabalho). A partir disso, é possível observar que os autores de violência mais estudados nessas pesquisas se encontram predominantemente em grupos de pessoas próximas às vítimas: na família e em grupo de pessoas conhecidas como amigos e vizinhos; e em espaços coletivos e de convivência envolvendo estudantes e profissionais de diferentes áreas.

Da mesma forma, foram identificadas diferentes vítimas de violência nas pesquisas, organizadas em nove grupos: 1) Mulheres, sejam vítimas de violência por companheiros (7 trabalhos), mulheres militantes do movimento feminista (1 trabalho), mulheres em situação de rua (1 trabalho) ou mulher vítima de violência no trabalho (1 trabalho), totalizando 10 trabalhos; 2) Estudantes de ensino fundamental, médio e superior (7 trabalhos); 3) População LBGTQI+, sejam Travestis (3 trabalhos), Homossexuais (2 trabalhos) ou Transexuais (1 trabalho), totalizando 6 trabalhos; 4) Crianças e adolescentes, sejam em situação de abuso sexual

intrafamiliar (3 trabalhos) ou em situação de abuso sexual por pedofilia (1 trabalho); 5) Profissionais de diferentes áreas, sejam da área Escolar (2 trabalhos) ou da Saúde (1 trabalho); 6) Homens vítimas de violência por companheiras (2 trabalhos); 7) População negra (1 trabalho); 8) Pessoas idosas (1 trabalho); 9) Usuários de serviço de saúde em DST/aids (1 trabalho). Assim, podemos observar que o grupo de pessoas mais vulneráveis à violência na sociedade brasileira – mulheres, crianças e adolescentes, população negra, idosos, população LGBTQI+, usuários de serviço de saúde em DST/aids – ganha mais visibilidade dentre os estudos, o que se faz fundamental no contexto brasileiro.

Considerando-se os objetivos dos estudos e seus resultados, observamos que eles se voltam a três discussões principais: a) os impactos desencadeados pela violência, como podemos observar em todas as pesquisas, especialmente, das vítimas, como nos trabalhos de Camarnado Junior (2005) e Busin (2015) que investigam escrever as vítimas estudadas; b) os modos pelos quais os sentidos da violência são construídos nas relações sociais, presente, por exemplo, nos trabalhos de Silva (2009) e Mattos (2005), que analisam os sentidos construídos por profissionais da educação sobre as ações violentas de estudantes e as pesquisas de M. Nascimento (2001) e Vicente (2009), que investigam as dificuldades de vítimas e autores em nomear a violência verbal, psicológica e simbólica como violência; c) as marcas da desigualdade social na estruturação da violência discutidas, por exemplos, por Marra (2015), que aponta como a violência possui causas múltiplas, complexas e correlacionadas com determinantes sociais e econômicos, como desemprego, baixa escolaridade, concentração de renda, exclusão social, e na pesquisa de Camarnado Junior (2005), que observa a violência estrutural tanto em termos de distinção de classes sociais, quanto em termos interpessoais em relação. A partir dos resultados observamos que, de modo geral, os autores avançam nas discussões não só investigando violência a partir de diferentes perspectivas implicadas na

produção de sentidos, mas, também, identificando a violência como problema social e de saúde pública, que é atravessado pela desigualdade social e que desencadeia impactos na sociedade.

Por fim, por meio da análise das dissertações e teses, foi possível identificar implicações práticas recomendadas pelos autores para o combate à violência. Dentre essas recomendações, presentes de forma combinada ou exclusiva, estão: capacitação profissional e a formação acadêmica para atuação profissional focada em uma atuação crítica e sensível em situações que envolvam violência (16 trabalhos) e implementação e manutenção de projetos voltados para a promoção de saúde e prevenção contra à violência nos diferentes contextos (11 trabalhos). Dos 27 trabalhos analisados, seis não fazem recomendações práticas. Nos trabalhos, essas recomendações se apresentam de forma breve e genérica. Além disso, considerando que metade dos estudos investiga a violência que ocorre em contextos domésticos, da intimidade, das relações familiares e com vizinhos e que os autores e vítimas de violência se encontram principalmente nesses contextos, seria importante incluir recomendações para provocar transformações nesses campos.

### **3.3 Que construcionismo social é esse?**

Nesta seção, iremos apresentar as análises realizadas acerca do Construcionismo Social nas teses e dissertações, identificando: autores e obras mais citados nessas definições e os usos do Construcionismo Social feito pelos autores.

Em relação aos autores com mais de cinco citações utilizados para definir o Construcionismo Social, estão Mary Jane Paris Spink (34 citações), Kenneth Gergen (25 citações), Marisa Japur (12 citações), Benedito Medrado (12 citações), Emerson Fernando Rasera (11 citações), Rose Mary Frezza (9 citações), Conceição Nogueira (9 citações), Lupicinio Iñiguez (7 citações), Harlene Anderson (7 citações), Vera Mincoff Menegon (6 citações) e Tomás Ibáñez (6 citações). Dos 27 trabalhos, dois deles não apresentam definição

de Construcionismo Social e, dentre os demais trabalhos, os autores mais citados são Mary Jane Paris Spink e Kenneth Gergen, dois dos mais importantes difusores do construcionismo social, seja no contexto brasileiro, seja no contexto internacional.

Da mesma forma, as obras mais citadas dos autores mencionados foram: *The social constructionist movement in modern psychology* (Gergen, 1985, 1999, 2009) (13 citações); *Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para a análise das práticas discursivas* (Spink & Medrado, 1999, 2000, 2004, 2013) (10 citações); *Práticas Discursivas e Produção de Sentido: a perspectiva da Psicologia Social* (Spink & Frezza, 1999) (4 citações); *A pesquisa qualitativa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos* (Spink & Menegon, 1999, 2000, 2004) (4 citações); *Os sentidos da Construção Social: o convite construcionista para a psicologia* (Rasera & Japur, 2005) (4 citações); *Social discurso e gênero* (Nogueira, 2001) (3 citações); *Construcionismo Social e psicologia social* (Iñiguez, 2002) (3 citações); *O “giro linguístico”* (Ibáñez, 2005) (2 citações); e *La construcción social del socioconstruccionismo: retrospectiva y perspectivas* (Ibáñez, 2003) (2 citações); *Conversation, Language and Possibilities – A Postmodern Approach to Therapy* (Anderson, 1997, 2010) (2 citações).

Dentre essas obras, é possível observar que duas delas se destacam: a) o artigo *The social constructionist movement in modern psycholog* (Gergen, 1985), o qual é utilizado nos trabalhos para apresentar as descrições centrais do construcionismo social; b) os três primeiros capítulos do livro *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas* (Spink, 1999), usados para contextualizar epistemologicamente o construcionismo social e apresentar a produção de sentido no cotidiano como uma das abordagens teórico-metodológicas que está embasada no referencial do construcionismo social. É interessante notar que há o predomínio de referências da área da psicologia social, havendo só uma referência da área de clínica/terapia.

A análise dos usos do construcionismo social nos trabalhos selecionados permite compreender melhor de que forma tal movimento contribuiu para a organização das pesquisas e os resultados obtidos. Nesse sentido, essa análise resultou em quatro categorias que indicam o uso do construcionismo social, de forma combinada ou exclusiva, como um modo de:

a) orientar a epistemologia de pesquisa: os autores apresentam o movimento construcionista como base epistemológica dos estudos e que parte do pressuposto de que a realidade social é resultado da ação de construção dos próprios seres humanos, de acordo com os processos histórico-culturais. Esse modo de uso do construcionismo pode ser exemplificado pelas dissertações de Moraes (2016) e Santos Junior (2017). A partir dessas dissertações podemos refletir sobre como esses pesquisadores têm se interessado pelas bases teóricas do construcionismo e pela crítica científica proposta, ainda que apresentem essas ideias de forma introdutória.

b) auxiliar com metodologias de análise: os pesquisadores utilizam métodos de análise construcionistas e estão preocupados com o processo de construção de sentidos. Tipicamente, utilizam a proposta de Spink (1999) para a análise das práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano. É o caso do estudo de Silva (2018), de Witczak (2016) e de Brasilino (2010). Trata-se de um olhar voltado para uma noção de práticas discursivas que orienta para uma dinâmica que reflete aquilo que está no cotidiano, na linguagem em uso e nas condições em que a produção de sentidos acontece e que produz reflexões sobre as relações que envolvem violência em diferentes contextos.

c) complementar as teorias acerca da violência: as ideias construcionistas contribuem na construção de discursos e reflexões acerca da discussão teórica de violência, o que implica em compreender como as relações sociais podem construir o que conhecemos como violência e gerar reverberações na sociedade. Assim, em sua tese sobre família em situação de abuso sexual, Marra (2015) faz uma reflexão sobre o grupo familiar visto como uma prática discursiva com

foco na linguagem que é construída e sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes ser marcada pelas formas linguísticas que narram e descrevem o mundo e as experiências das pessoas. Em sua tese sobre transfobia, Andrade (2017) afirma que as ideias construcionistas possibilitam um movimento de desconstrução/(re)construção de modo a subverter/flexibilizar as lógicas lineares de sexo-gênero-sexualidade e provocar/convocar o desejo de refletir acerca da construção de conhecimentos que se aproximem das experiências dos sujeitos. Assim, é interessante perceber que esse modo de uso das ideias construcionistas possibilita e amplifica a comunicação entre o movimento construcionista social com outros campos de estudos no contexto brasileiro e na comunidade construcionista.

d) refletir sobre as práticas de violência e implicações práticas: os autores fazem reflexões sobre as práticas discursivas como instrumento para compreender a construção dos sentidos sobre o fenômeno da violência e propõem implicações práticas e formas de enfrentamento. Exemplos desses trabalhos são os de Silva (2009), Witezac (2016) e Mattos (2005). Segundo esses autores, por meio das ideias propostas pelo construcionismo social foi possível entender as implicações da violência nos discursos e nas produções de sentidos no cotidiano e o quanto essas ideias estão atreladas ao desenvolvimento de recursos para desconstruir discursos dominantes nos processos que envolvem violência.

#### 4 Considerações Finais

Quanto às discussões sobre violência realizadas nos trabalhos, observamos que: a) os estudos recorrem a diferentes autores para realizar o debate sobre violência, não havendo uma perspectiva teórica hegemônica para discutir violência; b) alguns dos estudos discutem a violência amparada na perspectiva construcionista, a partir de uma lógica da produção de sentidos acerca desse fenômeno atravessados por questões históricas e culturais; c) ao fazer discussões sobre a violência, os estudos apresentam uma preocupação em descrever e entender a realidade da violência nos diferentes contextos.

A reflexão sobre como pesquisadores brasileiros têm estudado a temática da violência a partir do construcionismo social nos últimos anos permite apontar que: a) o número de trabalhos aumentou em relação às duas décadas e se estabilizou em relação à década presente; b) não foi possível identificar grupos consolidados de pesquisadores construcionistas sobre violência, ainda que a maioria dos trabalhos estejam concentrados no programa de Psicologia (e suas especialidades); c) os autores mais citados para definição de construcionismo são Mary Jane Paris Spink e Kenneth Gergen; d) o construcionismo social foi utilizado para orientar a epistemologia de pesquisa, auxiliar com metodologias de análise, complementar as teorias acerca da violência e refletir sobre as práticas de violência e implicações práticas.

Ao optarmos por buscar os estudos no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES como forma de analisarmos como pesquisadores têm investigado a violência a partir do movimento do construcionismo social no Brasil, entendemos que há limitações que estão relacionados com esta escolha, pois, embora seja uma plataforma rica em pesquisas brasileiras, é apenas uma parte da literatura da área.

Entre as possibilidades de investigações futuras, é importante promover estudos que possam contribuir impulsionando a visibilidade de tipos de violência menos investigados e que



também estão presentes e são recorrentes na sociedade, como violências envolvendo discriminação e preconceito, violência simbólica, institucional e econômica.

Além disso, observamos que, quanto aos métodos de coleta de dados, poucos estudos focaram em grupos e oficinas. Desta forma, seria oportuno que estudos futuros fortaleçam e contribuam com a transformação da realidade através de práticas interventivas que proponham o diálogo com a comunidade, para que estas participem do processo de construção do conhecimento.

Por fim, esperamos que as análises propostas acerca dos estudos do Construcionismo Social sobre violência, provoquem questionamentos e fortaleçam futuras pesquisas sobre o tema e, também, ações que envolvam intervenções da Psicologia de forma a contribuir com o combate à violência no contexto brasileiro.

## Referências

- Anderson, H. (1997). *Conversation, language, and possibilities: A postmodern approach to therapy*. Basic Books.
- Andrade, V. N. G. de (2017). *Transfobia no percurso denunciativo brasileiro: um estudo a partir do Disque Direitos Humanos da Presidência da República*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.
- Assis, S. G., Constantino, P., & Avanci, J. Q. (2010). *Impactos da violência na escola: Um diálogo com professores*. Editora FIOCRUZ.
- Bourdieu, P. (1998). *A dominação masculina*. Bertrand Brasil.
- Brasilino, J. C. B. (2010). *Masculinidades no juizado de violência doméstica e familiar contra a mulher: performances em cena*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Busin, V. M. (2015). *Morra para se libertar: estigmatização e violência contra travestis*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2011). *Corpos que importam*. Companhia das letras.
- Camarnado Junior, D. V. (2005). *Os sentidos da violência nos programas e serviços de saúde em DST/AIDS*. Tese de doutorado, Coordenadoria controle de doenças da SEC EST da saúde de SP, São Paulo, SP, Brasil.
- Cardoso, D. T. (2017). Construcionismo social: em direção à assistência social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(58), 60-73.
- Carvalho, B. R. de B. (2014). *"Tá pensando que travesti é bagunça?" Repertórios sobre travestilidade, em contextos de criminalidade, por jornais de Pernambuco*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

- Catarim, A. W. de L. (2018). *O olhar construcionista sobre a violência contra as mulheres nas práticas discursivas da psicologia*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil.
- Cerqueira, D., Bueno, S., Alves, P. P., Lima, R. S. de, Silva, E. R. A. da, Ferreira, H., Pimentel, A., Barros, B. Marques, D., Pacheco, D., Lins, G. de O. A., Lino, I. dos R., Sobral, I., Figueiredo, I., Martins, J., Armstrong, K. C., & Figueiredo, T. da S. (2020). *Atlas da violência*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).
- Chauí, M. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. In Chauí, M.; Ruth, C.; Paoli, M. C. (Orgs.), *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, 4 (pp. 25-62). Zahar Editores.
- Freitas, M. J. D. de (2017). *Gênero e sexualidade: práticas discursivas no cotidiano escolar*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 265-275. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.40.3.266>
- Guareschi, N. M. de F., Weber, A., Comunello, L. N., & Nardini, M. (2006). Discussões sobre violência: trabalhando a produção de sentidos. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 19(1), 122-130. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000100017>
- Ibáñez, T. (2003). La construcción social del socioconstruccionismo: retrospectiva y perspectivas. *Política y Sociedad*, 40(1), 155-160.
- Ibáñez, T. (2005). O "giro lingüístico". In L. Íñiguez (Ed.), *Manual de análise do discurso em Ciências Sociais* (pp. 19-49). Vozes.
- Íñiguez, L. Construcionismo Social e Psicologia Social (2002). In Martins, J. B., Hammouti, N. E., Íñiguez, L. (Orgs.) *Temas em análise institucional e em construcionismo social* (pp. 127-156). RIMA - Fundação Araucária.
- Krug, E. G.; Dahlberg, L. L.; Mercy, J. A.; Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization (WHO).

- Machado, M. D. G. da G. (2016). *Mulheres no contexto da rua: a questão do gênero, uso de drogas e a violência*. Dissertação de mestrado, Universidade de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.
- Marra, M. M. (2015). *Do espaço privado para o público: construções narrativas com famílias em situação de abuso sexual*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, DF, Brasil.
- Mattos, A. P. de (2005). *"Pra tudo tem dois lados": Implicações ético-políticas da negociação de versões sobre violência*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Minayo, M. C. de S. (2006). *Violência e Saúde*. Editora FIOCRUZ.
- Minayo, M. C. de S. (2014). Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In Njaine, K., Assis, S. G. de, & Constantino, P. (Orgs.), *Impactos da Violência na Saúde* (3a ed., pp. 21-42). Editora FIOCRUZ. <https://doi.org/10.7476/9788575415887>
- Minayo, M. C. de S. & Souza, E. R. (1999). É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciência saúde coletiva*, 4(1), 7-23. <https://doi.org/10.1590/S1413-81231999000100002>
- Moraes, J. C. C. A. (2016). *As representações sobre o bullying entre professores da escola pública e suas conexões com gênero, geração e saúde*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Nascimento, F. S. (2009). *Namoro e violência: um estudo sobre amor, namoro e violência para jovens de grupos populares e camadas médias*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Nascimento, M. A. F. (2001). *Desaprendendo o silêncio: Uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Nogueira, C. (2001). Social discurso e gênero. *Psicologia*, 15(1), 43-65. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v15i1.490>

- Oliveira, W. F. de (2008). Violência e Saúde Coletiva: contribuições teóricas das ciências sociais à discussão sobre o desvio. *Saúde Social*, 17(3), 42-53. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000300006>
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2005). *Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia*. *Paidéia*, 15(30), 21-29. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100005>
- Santos Junior, J. J. dos (2017). *O conceito de bullying escolar: um contraponto sociológico frente ao discurso hegemônico*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
- Santos, J. V. T., Teixeira, N. A., & Russo, M. (2011). *Violência e cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais*. Editora da UFRGS. <https://doi.org/10.7476/9788538603863>
- Silva, C. S. (2009). *Violência e promoção de saúde no contexto escolar: sentidos e estratégias de gestão*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, Brasil.
- Silva, J. M. de S. e (2018). *Antifeminismo no Facebook: um estudo sobre violência contra a mulher na internet*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Silva, F. R. & Assis, S. G. (2018). Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, 44. <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201703157305>
- Silveira, P. S. (2009). *Conjugalidade e afetividade nas narrativas de homens denunciados por violência conjugal*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

- Souza, M. H. T. de, Malvasi, P., Signorelli, M. C., & Pereira, P. P. G. (2015). Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, RS, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 31(4), 767-776. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00077514>
- Spink, M. J. P. (1999). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Editora Cortez.
- Spink, M. J. P. (2010a). Ser fumante em um mundo antitabaco: reflexões sobre riscos e exclusão social. *Saúde e Sociedade*, 19(3), 481-496. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902010000300002>
- Spink, M. J. P. (2010b). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. (Trabalho original publicado em 2004).
- Spink, M. J. P. & Frezza, R. M. (1999). Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social. In Spink, M. J. P. (Org.), *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 1-21). Editora Cortez.
- Spink, M. J. P. & Medrado, B. (1999). Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para a análise das práticas discursivas. In Spink, M. J. P. (Org.), *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 22-41). Editora Cortez.
- Spink, M. J. P. & Menegon, V. M. (1999). A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In Spink, M. J. P. (Org.), *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 42-70). Editora Cortez.
- Vicente, E. B. (2009). *Aspectos comunicacionais em relacionamentos entre casais na fase madura do ciclo vital familiar*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Witczak, I. V. (2016). *Rompendo modelos: violência intrafamiliar contra idosos e a possibilidade de ressignificação a partir de grupos terapêuticos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.